



PAISAGEM
ANCESTRAL
RECINTOS
CERIMONIAIS
TERRAS DO GUADIANA

PERDIGÕES ▾



18

APONTAMENTOS

de Arqueologia e Património

MAR 2025

NA

NÚCLEO
DE INVESTIGAÇÃO
ARQUEOLÓGICA

ISSN: 2183-0924

ERA
ARQUEOLOGIA

***A**PONTAMENTOS*

de Arqueologia e Património

18

MARÇO

2025

Título: **Apontamentos de Arqueologia e Património**

Propriedade: **Era-Arqueologia S.A.**

Editor: **ERA Arqueologia / Núcleo de Investigação**

Arqueológica – NIA

Local de Edição: **Lisboa**

Data de Edição: **Março de 2025**

Volume: **18**

Capa: Circuito de recintos de fossos Paisagens Ancestrais

Recintos Cerimoniais de Terras do Guadiana

ISSN: 2183-0924

Contactos e envio de originais:

geral@era-arqueologia.pt

Revista digital.

Ficheiro preparado para impressão frente e verso.

O uso do acordo ortográfico está ao critério de cada autor.



ÍNDICE

EDITORIAL	07
-----------------	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro MONTE DA LAJE E SÃO BRÁS 3. INVESTIGAÇÃO E DIVULGAÇÃO DE RECINTOS DE FOSSOS EM SERPA (BEJA)	09
--	----

António Carlos Valera, Tiago do Pereiro CRONOLOGIA, ESPACIALIDADE E COMPLEXIDADE ARQUITECTÓNICA DOS RECINTOS DE FOSSOS NEOLÍTICOS ALENTEJANOS: UMA REVISÃO A PRETEXTO DO RECINTO DE TRIGO	23
---	----

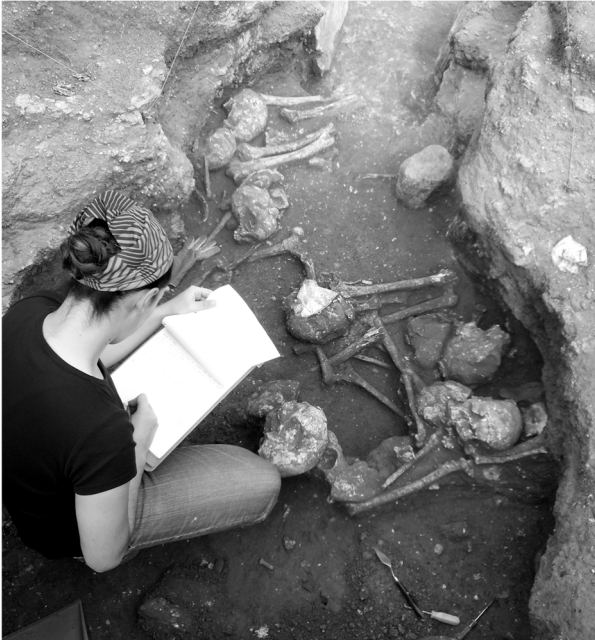
Camila Lacueva, Cláudia Maio, Sofia Nogueira, Lucy Evangelista, Tiago Nunes NOTÍCIA DA DESCOBERTA DA NECRÓPOLE DA VILLA ROMANA DE NOSSA SENHORA DE TOUREGA ...	43
---	----

Ana Rita, Carlos Jorge, Paula Pereira, José Carvalho, Cláudia Maio, Lucy Evangelista ENTRE USOS E ABANDONOS: REVISÃO DOS CONTEXTOS DA RUA DE SANTA MARIA E TRAVESSA DOS APÓSTOLOS, SETÚBAL	53
--	----

Sérgio Amorim, José Carvalho, Carlos Jorge A DISPOSIÇÃO DA MURALHA FERNANDINA ENTRE O LARGO DOS LÓIOS E A RUA DA MADEIRA. RESULTADOS DA INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA REALIZADA ENTRE 2021 E 2023	61
---	----

Francisco Raimundo, José Carvalho, Rui Pinheiro THE REBELLO HOTEL (VILA NOVA DE GAIA) – CONTRIBUTO DA ARQUEOLOGIA PARA A HISTÓRIA DE UM SÍTIO	69
--	----

José Carvalho O HORREUM DO CASTELO DE GAIA. NOVOS APONTAMENTOS SOBRE O ABASTECIMENTO MILITAR ROMANO NO CÂMBIO DA ERA	81
---	----



EDITORIAL

A Antropologia Biológica desempenha um papel fundamental na compreensão das populações do passado, permitindo-nos reconstruir aspetos essenciais da sua vida, saúde, mobilidade e interações sociais. No contexto da arqueologia, a análise dos vestígios humanos revela dinâmicas bioculturais que enriquecem a narrativa histórica e contribuem para uma visão mais completa das sociedades antigas. A interseção entre os métodos tradicionais e as novas abordagens científicas – da paleopatologia à genética antiga – tem ampliado significativamente o nosso conhecimento, tornando esta disciplina indispensável para o estudo do património arqueológico.

Na ERA Arqueologia, a Antropologia Biológica assume um papel central na investigação e valorização dos contextos funerários, destacando-se na análise dos testemunhos ósseos que emergem das intervenções arqueológicas. O compromisso com metodologias rigorosas e interdisciplinares permite-nos abordar questões sobre identidade, práticas rituais e impacto ambiental nas comunidades do passado. A colaboração com outras áreas, como a arqueotanatologia e a bioarqueologia molecular, reforça a capacidade de responder a questões cada vez mais complexas e de aproximar a ciência dos contextos patrimoniais.

Neste âmbito, a Antropologia Biológica continua a ser uma ferramenta essencial para interpretar os vestígios humanos e integrá-los nas narrativas arqueológicas mais amplas. A integração de novas tecnologias, a importância da salvaguarda do património osteológico e a necessidade de um olhar ético e contextualizado sobre os vestígios humanos são algumas das questões centrais que merecem ser debatidas.

Assim, a constante evolução desta disciplina exige um diálogo contínuo entre investigadores, promovendo abordagens cada vez mais integradas e multidisciplinares. Ao articular conhecimento científico com a valorização patrimonial, a Antropologia Biológica não só enriquece a compreensão das populações do passado, como também contribui para uma reflexão mais ampla sobre a nossa própria história e identidade.

Lucy Shaw Evangelista

ENTRE USOS E ABANDONOS: REVISÃO DOS CONTEXTOS DA RUA DE SANTA MARIA E TRAVESSA DOS APÓSTOLOS, SETÚBAL

Ana Rita¹, Carlos Jorge¹, Paula Pereira¹,
José Carvalho¹, Cláudia Maio¹, Lucy Evangelista^{1,2}

Resumo:

O diagnóstico arqueológico realizado no âmbito de um projeto de requalificação do edifício sito na Rua de Santa Maria n.º 2-8 / Travessa dos Apóstolos, n.º 1-7, em pleno centro histórico de Setúbal, permitiu rever os dados arqueológicos conhecidos desde a década de 1980. Os resultados obtidos revelaram diversas fases de ocupação do espaço entre período Tardo-Romano e a época Contemporânea. Porém, constatou-se um hiato temporal entre a Antiguidade Tardia e o período Moderno. Salienta-se que numa das sondagens de diagnóstico identificou-se um enterramento e um ossário possivelmente associados à antiga necrópole da Igreja de Santa Maria da Graça.

Abstract:

Between uses and abandonments: review of the contexts of Santa Maria Street and Travessa dos Apóstolos, Setúbal.

The archaeological assessment carried out as part of a rehabilitation project for the building located at Rua de Santa Maria No. 2-8 / Travessa dos Apóstolos No. 1-7, in the historic center of Setúbal, provided an opportunity to revisit archaeological data documented since the 1980s. The results revealed multiple phases of occupation of the site, spanning from the Late Roman period to the Contemporary era. However, a temporal hiatus between Late Antiquity and the Modern period was observed. Notably, one of the diagnostic trenches identified a burial and an ossuary, possibly associated with the former necropolis of the Church of Santa Maria da Graça.

1. Enquadramento e contextualização histórica

O volume edificado aqui analisado encontra-se localizado em gaveto entre a Rua de Santa Maria, n.º 2-8 e a Travessa dos Apóstolos, n.º 1-7, na colina de Santa Maria, em pleno centro histórico de Setúbal.

No âmbito da reabilitação do edifício – considerando que o mesmo se encontra na ZEP da Igreja de Santa Maria da Graça (Portaria de 19-04-1960, DG, IIª Série, n.º 102, de 30-04-1960), das muralhas, torres, portas, cortinas e baluartes do Centro Histórico de Setúbal, classificado como Monumento de Interesse Público e na ZEP da Casa do Corpo Santo (Portaria n.º 61/2013, DR, 2ª série, n.º 182, de 20 de Setembro de 2013) – foram realizados pela equipa da Era-Arqueologia um conjunto de trabalhos arqueológicos, nomeadamente, diagnóstico arqueológico e parietal.

Considerando que o volume edificado se encontra na colina de Santa Maria, numa área em que se conhece povoamento desde a Pré-História recente, nomeadamente desde a Idade do Ferro, os dados arqueológicos conhecidos apontam para uma zona bastante ocupada desde este período.

A própria geomorfologia local, “... uma elevação bem destacada na paisagem, oferecendo condições naturais de defesa.” (Silva, 1986: 92), junto a um antigo braço de rio oferece boas condições para a instalação de comunidades a partir deste período.

Para além disto, o facto de se encontrar no interior do espaço amuralhado Medieval (séc. XIV) demonstra a importância que todo o espaço tinha, tanto a nível social, económico, político e demográfico, para este período.

A área em análise terá adquirido uma funcionalidade religiosa aquando da instalação neste local da Igreja de Santa Maria, no decorrer do séc. XIII. A implantação desta Igreja terá originado novas formas de utilização do espaço, desde logo,

¹ERA Arqueologia S.A. ²CIAS Centro de Investigação em Antropologia e Saúde - U. Coimbra, ICArEHB - Centro Interdisciplinar de Arqueologia e Evolução do Comportamento Humano – U. Algarve

com a presença da necrópole associada à própria Igreja e ao Hospital João Palmeiro, construído no séc. XIV.

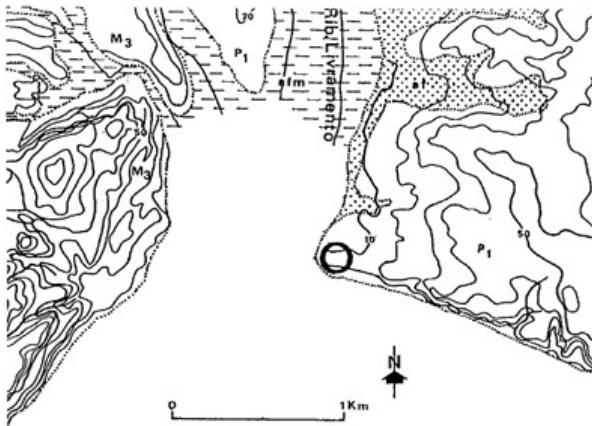


Figura 1 – Reconstituição da baía de Setúbal nos séculos VIII e VII a. C., com a localização do povoado da Idade do Ferro da colina de Santa Maria. Base cartográfica na escala 1:25000, Seg. Coelho, A. M. L. Gomes, 1980. M3- complexo gres-calcário miocénico; P1- complexo arenoso pliocénico; af- aluviões fluviais arenosas; afm- aluviões fluviais marinhas (argilas, lodos, areias).

Figura 1 – Reconstituição da baía de Setúbal durante a Idade do Ferro e localização do povoado da Idade do Ferro na colina de Santa Maria (Soares, 1985: 113).



Figura 2 – Planta da Praça e Vila (levantamento de M. J. da Serra e desenho C.J. Vaz Parreiras, do Corpo de Engenheiros), 1820: Gabinete de Estudos Arqueológicos de Engenharia com a área de intervenção.

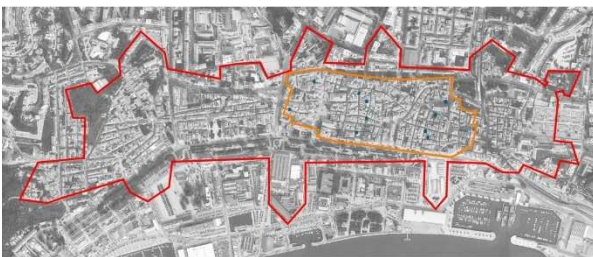


Figura 3 – Mapa com os sítios de cronologia medieval cristã para a cidade de Setúbal encontrando-se assinalado a verde a Igreja de Santa Maria da Graça. A vermelho a muralha seiscentista e a laranja a muralha medieval. Mapa realizado com dados do Portal do Arqueólogo.

Os trabalhos desenvolvidos por Carlos Tavares da Silva e Joaquina Soares, na década de 1980, num volume editado da Travessa dos Apóstolos permitiram identificar contextos que vão desde a Idade do Ferro até época Contemporânea, embora com alguns hiatos temporais registados,

nomeadamente entre a Antiguidade Tardia e o séc. XVI (SILVA, 1986).

Se, por um lado, a ocupação nesta área da colina está comprovada desde a Idade do Ferro até à Antiguidade Tardia, por outro, até ao momento não se conhecem contextos arqueológicos entre a Antiguidade Tardia e o período Medieval que indiquem uma ocupação efetiva desse local.

Apesar dos dados arqueológicos serem poucos para o período medieval, a construção da Igreja de Santa Maria nesse local indicia a relevância social e religiosa que esse espaço teria nesse período histórico.

Na cartografia histórica do séc. XIX é possível verificar a presença do quarteirão no qual se insere o edifício aqui em estudo. Desta forma, pressupõe-se que o edifício terá sido construído entre os finais do séc. XVIII / inícios do séc. XIX, tendo sofrido ao longo dos tempos algumas obras de remodelação, consistentes com a alteração da funcionalidade de alguns espaços. Contudo, isto não significa que não existissem estruturas habitacionais, neste local, fora da área de necrópole, anteriores ao séc. XVIII / XIX.

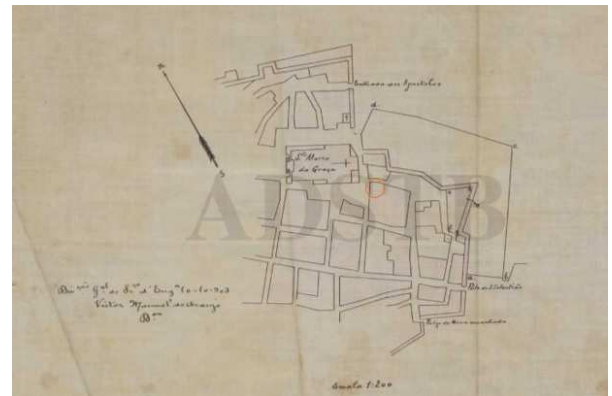


Figura 4 – Localização da intervenção em “Parte da planta da praça e vila de Setúbal”, desenhado na Direcção Geral d’Engenharia, em janeiro do 1883, por D. Martinho Coutinho. Retirado de: PT-ADSTB-PSS-APAC-J-0387_m0013.TIF - Baluarte de São Sebastião - Arquivo Distrital de Setúbal - DigitArq (arquivos.pt).

Os dados aqui apresentados demonstram que essa área, em diferentes momentos cronológicos, desde a Pré-História até à atualidade, era propícia à instalação de comunidades, detendo assim uma ocupação humana quase contínua ao longo dos tempos. Porém, na área em estudo, regista-se um hiato temporal na estratigrafia arqueológica registada. O que terá motivado este hiato é uma das perguntas a que se pretende responder com o presente artigo.

2. Descrição dos contextos identificados

A realização do diagnóstico arqueológico (sondagens de diagnóstico e sondagens parietais) permitiu avaliar a sensibilidade arqueológica deste sítio, bem como registar a diacronia de ocupação entre a Antiguidade Tardia e época Contemporânea embora, como referido anteriormente, com

um hiato temporal já mencionado anteriormente. Salienta-se que os trabalhos arqueológicos foram realizados numa fase inicial do diagnóstico, pelo que se defende a realização de novos trabalhos para que se possam obter mais dados sobre a ocupação humana neste local e assim mitigar este hiato temporal.

Todos os vestígios e materiais referenciados foram identificados a cotas altimétricas distintas dos contextos similares escavados por Carlos Tavares da Silva, na Travessa dos Apóstolos. Nesse sentido, não é possível aferir a continuidade dessa ocupação identificada na década de 1980, com os contextos identificados pela equipa da ERA.

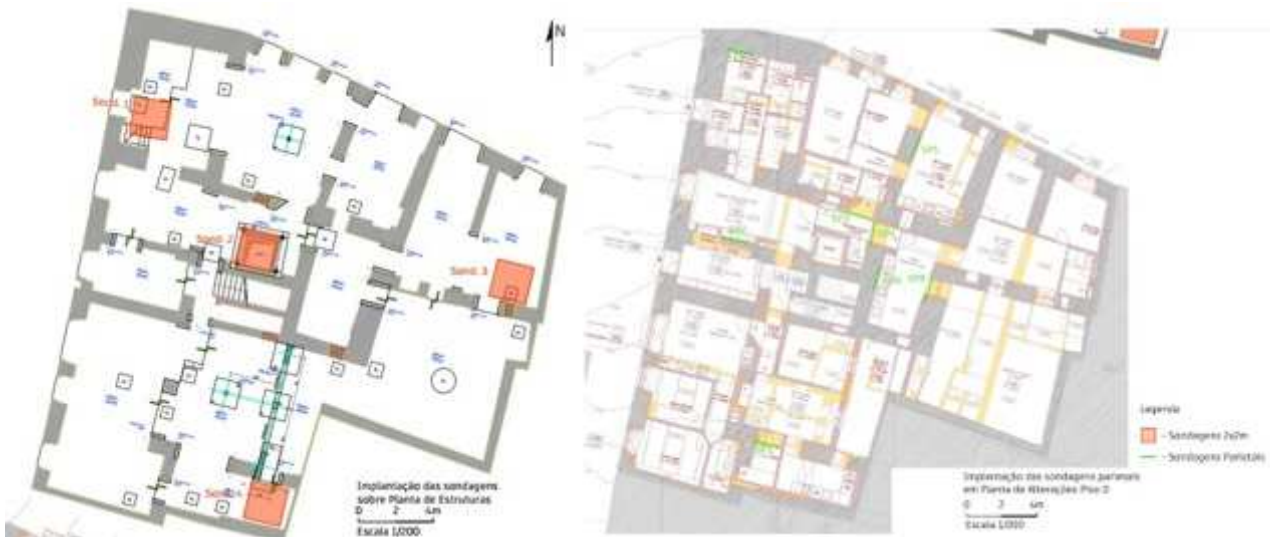


Figura 5 – Localização das sondagens de diagnóstico e parietais na planta de obra.

As sondagens parietais executadas permitiram perceber que o volume edificado visível atualmente sofreu diversas intervenções ao longo de um curto período, nomeadamente entre a sua construção e a atualidade.

2.1. Contextos associados à Antiguidade Tardia

As realidades mais antigas observadas relacionam-se com níveis de utilização e abandono associados à Antiguidade Tardia (Sondagem 1, 2 e 3). Na Sondagem 3 identificaram-se contextos de ocupação associados à presença de uma estrutura [303] – constituída por pedra calcária, de pequena e média dimensão, não afeioada, ligada por uma argamassa de tonalidade amarelada, relativamente friável e com orientação Este-Oeste - e o pavimento [308] – composto por argamassas amareladas, cerâmica de construção e pedras, relativamente compacto.

Pela estratigrafia observada e materiais arqueológicos associados, considera-se que essa ocupação poderá enquadrar-se em época tardo-antiga, devido, sobretudo, à presença de *sigillata* africana (em fase de estudo) e de algumas ânforas baixo-imperiais presentes nos depósitos anteriores a estas realidades estruturais.



Figura 6 – Plano com os contextos associados à Fase II - [303] e [308].

Nesta sondagem foi ainda possível observar vários depósitos que parecem corresponder ao momento de abandono (Fase III) que terá ocorrido na Antiguidade Tardia, tendo o espaço sido utilizado como local de vazadouro/lixeria durante este período. Ainda relacionada com estas camadas de abandono foi possível identificar os depósitos [104] e [201]. Estes níveis de aterro, interpretadas como vazadouro/lixerias, apresentam as mesmas características que as realidades observadas na Travessa dos Apóstolos durante a escavação dos anos 1980, podendo tratar-se da sua continuidade (Coelho, 1984).



Figura 7 – Corte Sul da Sondagem 2.



Figura 8 – Corte Este da Sondagem 1.

De destacar que a maior parte dos materiais arqueológicos identificados no âmbito destas sondagens provém destes níveis de aterro, o que corrobora a interpretação destes depósitos como lixeiras / vazadouro durante a Antiguidade Tardia.

Os contextos identificados nestas sondagens (1, 2 e 3) enquadram-se na extensa ocupação Tardo-Romana e Alto-Medieval conhecida em Setúbal, destacando-se, como já referido, pela proximidade geográfica, os trabalhos executados na Travessa dos Apóstolos (Silva, 1986).

No conjunto das ânforas recolhidas no diagnóstico arqueológico realizado, salientamos a presença de um número significativo de fragmentos de ânforas de fabrico lusitano, onde se destacam alguns contentores que datam do período médio e baixo-imperial (séc. III e V d.C.), designadamente a Almagro 50, a Almagro 51 A-B e a Almagro 51C, todas elas associadas ao comércio de preparados de peixe.



Figura 9 – À esquerda: fragmento de um bordo de uma Almagro 51 A-B, UE 310, Rua de Santa Maria Setúbal. À direita: Representação de uma ânfora almagro 51 A-B 50 proveniente do Vale do Sado (Mayet, Silva, 1998; adaptado de Bombico, vol. I, 2016, p.154).

No que se refere às produções gaditanas (Bética costeira), observou-se a presença de um provável bordo de uma ânfora Keay XVI que circulou principalmente nos séculos III e V d.C. A ânfora Keay XVI constitui, aliás, um dos contentores béticos destinados ao transporte de *garum* e *salsamenta* que maior êxito comercial teve em época média imperial e tardo-antiga, com uma ampla difusão por todo o Império Romano (Keay, 1984, p. 149-155; Almeida e Viegas, 2020, p.20).

Por outro lado, através de uma análise ainda preliminar constatou-se, também, a presença de um fabrico tardio atribuível ao Mediterrâneo Oriental (apenas foi possível perceber um provável fragmento de pança inclassificável) e, também, do Norte de África (fragmentos de parede inclassificáveis provavelmente provenientes da atual zona de Tunes, costa tunisina).



Figura 10 – Bordo (UE 109) de uma Almagro 50, Rua de Santa Maria, Setúbal. À direita: Representação de uma ânfora almagro 50 (adaptado de Panella, 1973).

De acordo com os dados conhecidos, Setúbal encontrar-se-ia na rota de trocas de produtos durante a Antiguidade Tardia, como parece demonstrar a presença de fabricos africanos (incluindo *sigillata* africana) e mediterrânicos na amostra de estudo.

De facto, como Sónia Bombico refere durante este período é possível verificar-se uma “[...] vasta rede de comunicações e intercâmbios com o Império Romano do Oriente.” (Bombico, 2017, p.185). No caso da área de Setúbal este dinamismo encontrar-se-ia associado ao consumo e exportação dos preparados piscícolas, sendo visível uma adaptação das unidades industriais de salga de peixe de Setúbal, como é o caso da fábrica da Praça do Bocage, Troia, Comenda, entre outros.



Figura 11 – Mapa com os sítios registados para a Antiguidade Tardia, no interior amuralhado da cidade. Informação retirada do Portal do Arqueólogo e de Silva, 2019: 157.



Figura 12 – Asa de uma ânfora Dressel 20 com a marca QARP.

Os trabalhos arqueológicos realizados, apesar de terem identificado momentos de abandono, revelam também um amplo dinamismo comercial e urbanístico durante a Antiguidade Tardia, que se refletiu na reorganização do espaço urbano e na readaptação das fábricas piscícolas.

Por fim, pelo seu caráter inédito, salientamos a presença de uma marca epigráfica numa asa de uma ânfora imperial e oleícola do tipo Dressel 20. A análise realizada permitiu a

leitura: QARP. Segundo Jordi Pérez González (2017, p.81) trata-se de um selo pouco conhecido proveniente de La Catria, um dos mais importantes centros produtores de azeite bético localizado no Vale do Guadalquivir. De acordo com o autor mencionado (González, 2017, p.83), para além da sua identificação no seu local de produção, só se conhece a presença de dez selos no Monte Testaccio, um em Cavaliere (Pardigon 3) e um último em Mumrills (Falkirk).

2.2. Contextos de época moderna

Associado à época Moderna, foram identificadas realidades arqueológicas nas sondagens arqueológicas 1 e 4. Essas realidades relacionam-se com a identificação de um silo detritico na sondagem 4 e de contextos funerários na sondagem 1.

A estrutura negativa [406], associada à Fase I da sondagem 4, de planta semicircular, paredes retas e fundo côncavo encontrava-se preenchida por um depósito com materiais enquadráveis em época Moderna – séc. XVII / XVIII -, nomeadamente cerâmica vidrada, azulejo, cerâmica comum e de construção. Esta estrutura parece corresponder a uma possível lixeira. Normalmente, estes tipos de estruturas encontram-se associadas a unidades habitacionais.



Figura 13 – Plano Final da [406].



Figura 14 – À esquerda: Azulejo; à direita: cerâmica vidrada, nomeadamente um alguidar, provenientes do depósito [403].

Na sondagem 1 constatou-se a presença de contextos funerários, nomeadamente, um enterramento com sepultura antropomórfica [109] e associado a este um ossário [113].

Os vestígios osteológicos apresentavam-se em mediano estado de preservação sendo observáveis extensas alterações de cariz tafonómico que promoveram a

fragmentação dos vestígios e alterações ao nível do perióstio.



Figura 15 – Fotografia geral da Sepultura 1 e Ossário 1.

No que concerne o estudo da sepultura 1, esta albergava um esqueleto de um indivíduo adulto, completo, sensivelmente orientado a O-E. O indivíduo encontrava-se deitado em decúbito dorsal, com os membros superiores cruzados sobre o tórax e membros inferiores em extensão. As características desta inumação estão de acordo com as práticas funerárias do ritual judaico-cristão.

A análise antropológica permitiu verificar tratar-se de um indivíduo do sexo masculino, estimativa suportada pela análise conjunta da morfologia do crânio e bacia, assim como métrica dos ossos longos. Relativamente à idade à morte, enquadra-se na fase transitória entre os intervalos de adulto jovem e adulto de meia-idade, com uma idade provável entre os 30 e 49 anos.

O ossário, constituído por 140 elementos ósseos pertencentes a indivíduos adultos e não-adultos, foi identificado aos pés do indivíduo da sepultura 1. De acordo com o estado de desenvolvimento e maturação esquelética assim como tendo em consideração as repetições anatómicas e alterações do esqueleto humano estima-se um número mínimo de seis indivíduos representados, nomeadamente um indivíduo não-adulto, três indivíduos adultos do sexo feminino e dois indivíduos adultos do sexo masculino.

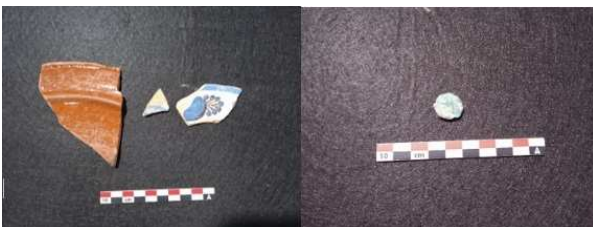


Figura 16 – À esquerda: cerâmica vidrada e faiança com aranhões azul e vinoso (Séc. XVII / XVIII); à direita: elemento metálico associado ao ossário [113].

Estes contextos osteológicos, possivelmente associados à antiga Igreja de Santa Maria da Graça, atual Sé de Setúbal, fariam parte de um contexto funerário amplo apenas

parcialmente intervencionado nestes trabalhos de diagnóstico. Este facto é suportado tanto pela existência da sepultura 1 com um ossário considerável associado, assim como pela identificação de outros vestígios osteológicos não intervencionados.

Conforme mencionado anteriormente, estes contextos integram-se em finais de época moderna, uma vez que os materiais arqueológicos associados ao esqueleto, nomeadamente faiança azul e vinosa, integram o enterramento nesta cronologia.

2.3. Época contemporânea

Os contextos de época Contemporânea relacionam-se com o atual edifício. Refira-se que apesar de se desconhecer a data de construção do volume edificado, considera-se pelos paramentos observados nas sondagens parietais e pela presença da necrópole, pelo menos, até ao séc. XVIII, parte deste espaço, tenha sido construído entre finais do séc. XVIII, inícios do séc. XIX.

A realização do diagnóstico parietal permitiu aferir que o espaço edificado sofreu diversas obras de remodelação num curto período, sendo de destacar uma fase de obras de maior impacto. Esta fase foi passível de ser observada em diversas sondagens parietais e parece corresponder ao alargamento do edifício.

3. Considerações finais e linhas de investigação futura

Os trabalhos arqueológicos desenvolvidos neste local permitiram compreender os principais níveis de ocupação do espaço, nomeadamente entre a Antiguidade Tardia e o Período Contemporâneo. Conforme mencionado anteriormente observou-se um hiato temporal entre a Antiguidade Tardia e o período Moderno.

Pretendeu-se com este artigo a apresentação do sítio e das suas diversas fases de ocupação, destacando-se aqui não só os períodos de utilização do espaço, mas também os seus abandonos.

Desta forma, mais do que pensar este sítio de forma isolada cronologicamente, associando-se às características e problemáticas de cada período, é fundamental analisar o sítio na íntegra e tentar compreender o que terá motivado a existência destes hiatos temporais.

Se, por um lado, a existência de um hiato temporal entre a Antiguidade Tardia e a Época Moderna também verificada na escavação da Travessa dos Apóstolos, da década de 1980, poderia remeter para a possibilidade de uma não ocupação do espaço durante a Idade Média. Por outro, se considerarmos que estamos no centro nevrálgico da cidade de Setúbal Medieval, devido à proximidade com a Igreja de Santa Maria, este hiato não parece real e poderá ser justificado pelo carácter parcial de todas as intervenções arqueológicas realizadas. De destacar que associado a este período de hiato temporal encontra-se comprovada a presença da necrópole associada à Igreja de Santa Maria,

não só na nossa intervenção, mas em outras escavações arqueológicas realizadas anteriormente.

Obviamente que a realização de um estudo mais vocacionado para cada período cronológico poderá contribuir para uma análise mais aprofundada desta zona da cidade em diferentes períodos cronológicos.

Todos os dados aqui apresentados revertem-se de carácter preliminar visto que somente se realizou o diagnóstico arqueológico deste local. A realização de mais trabalhos arqueológicos poderá corroborar ou não algumas das conclusões apresentadas. Mesmo a presença deste hiato poderá desaparecer com a execução de mais trabalhos arqueológicos neste sítio. De facto, de momento termina-se este artigo com mais perguntas do que conclusões.

As futuras linhas de investigação a seguir:

- A continuidade do estudo da Antiguidade Tardia para a cidade de Setúbal, parecendo que estas realidades se enquadram no povoamento da cidade já conhecido para este período. Desta forma, os contextos da Rua de Santa Maria apresentam-se como mais um dado que, associado à informação existente, é revelador da ocupação tardo-antiga da cidade.
- O que seria este espaço em período medieval? De momento, não existem dados de época medieval para o local aqui intervencionado. Isto não quer necessariamente dizer que esta área fosse inocuada durante este período.
- Conforme mencionado anteriormente, caso se tenha em consideração a presença da Igreja de Santa Maria, é difícil imaginar que este espaço seria desocupado durante este período. A ocupação deste espaço, para este período, poderá estar relacionada com a presença da necrópole embora, de momento, ainda só se tenham identificado contextos sepulcrais de época moderna.
- Perceber a evolução deste edifício e, em específico, deste quarteirão entre época moderna e contemporânea. Tentar, através de registos documentais (registos notariais) e cartográficos, compreender a evolução deste volume edificado e do quarteirão.

Referências Bibliográficas

ALMEIDA, R.; VIEGAS, C. (2020) - Notícia epigráfica de ânforas béticas Keay XVI de Loulé Velho (Loulé, Portugal). In: *Revista do Arquivo Municipal de Loulé*, nº 22. Loulé.

BOMBICO, S. (2017) – A exportação de produtos lusitanos na Antiguidade Tardia: rotas, cargas e naufrágios no Mediterrâneo Ocidental (Séculos III a VI) in TEIXEIRA, C. e CARNEIRO, A. (coord) *Arqueologia de transição entre o mundo romano e a Idade Média*, p. 185-211

CASIMIRO, Tânia (2013) – Faiança portuguesa: datação e evolução crono-estilística In: *Revista Portuguesa de Arqueologia*, vol.16, p.351-367

COELHO, Maria (1984) – *Escavações arqueológicas de emergência na Travessa dos Apóstolos – Traseiras da Igreja de Santa Maria (Setúbal)* – Relatório policopiado

COSTA, Albérico (2011) - *História e Cronologia de Setúbal*. Setúbal: Estuário e Instituto Politécnico de Setúbal.

FERREIRA, Carlos Jorge, SILVA, Carlos Tavares da, LOURENÇO, Fernando Severino, SOUSA, Paula (1993) - *O Património Arqueológico do distrito de Setúbal. Subsídios para uma carta arqueológica*, Setúbal.

FILIPPE, I. (2011) - *Relatório dos trabalhos arqueológicos. Sondagens de Diagnóstico. Largo José Afonso nºs 69-68, Setúbal*. ERA arqueologia S.A.

KEAY, S. J. (1984) - *Late Roman amphorae in the Western Mediterranean. A typology and economic study: the Catalan evidence*. Oxford: British Archaeological Reports International Series.

GONZÁLEZ, Jordi Pérez – *Nuevos ejemplares de marcas sobre ânforas Dressel 20 en el territorio del Conventus Hispalensis: Villar Tesoro, Azanaque Y la Catria*. Revista Onoba, n.º 5, Universidade de Huelva, pp.75-87.

LEITÃO, Maria Isabel Caetano (2016). A Fortificação Abaluartada da Praça de Setúbal: a evolução construtiva vista a partir da iconografia. In: *Al-Madan Online*, II Série, Nº 21, Tomo 1.

PANELLA, C. (1973) - Appunti su un gruppo di anfore della prima, media e tarda età Imperiale." Ostia III: Le terme del Nuotatore: scavo dell'ambiente V et di un saggio dell'area. *Studi miscellanei*. 21: 460-633

PEACOCK, DPS & Williams, DF (1986) - *Amphorae and the Roman Economy*. Londres: Longman.

PEREIRA, Fernando António B. (1988) - A mais antiga planta de Setúbal, In *VV.AA.. Actas do 1º Encontro de Estudos Locais do Distrito de Setúbal*. Setúbal. p. 145-149.

PINTO, Machado (1960) – *Setúbal Cidade Centenária*.

PORTOCARRERO, Gustavo (2003) - *Sistemas de defesa costeira na Arrábida durante a Idade Moderna*, Lisboa: Edições Colibri.

QUINTAS, Maria da Conceição (1993) – *Setúbal nos finais do século XIX*, Lisboa: Caminho

SILVA, C.T. da; SOARES, J; DUARTE, S. (2004) - Preexistências de Setúbal: intervenção arqueológica na Rua António Maria Eusébio, 85-87. In: *Musa*. Vol. 1. Setúbal: Fórum Intermuseus do Distrito de Setúbal & MAEDS. p. 137-152.

SILVA, Carlos Tavares da (1995) – Produção de ânforas na Área Urbana de Setúbal – Estado Actual da Questão. In: *Actas das Primeiras Jornadas sobre Romanização dos Estuários do Tejo e do Sado. Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*, Câmara Municipal do Seixal, Publicações Dom Quixote.

SILVA, Carlos Tavares da (1996) - Produção de ânforas na área urbana de Setúbal: A oficina romana do Largo da Misericórdia, In: *Ocupação Romana dos Estuários do Tejo e do Sado*, Lisboa, Câmara Municipal do Seixal; D. Quixote, pp. 43-54.

SILVA, Carlos Tavares da, COELHO-SOARES, Antónia, SOARES, Joaquina (1985) - Fábrica de salga da época romana da Travessa de Frei Gaspar (Setúbal). In *I Encontro Nacional da Arqueologia Urbana*. Lisboa: IPPC (Trabalhos de Arqueologia; 3), p. 155-160.

SILVA, Carlos Tavares da, DUARTE, Susana. (2018) - Preexistências de Setúbal. Intervenção arqueológica na Rua Arronches Junqueiro, 32-34. In: *Musa*. Museus, Arqueologia & Outros Patrimónios.

SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina (2020) -Caetobriga (Setúbal, Portugal). In: *MYTRA, Monografias y Trabajos De Arqueologia. Instituto De Arqueologia, Mérida* (CSIC-Junta De Extremadura). Número 6.

SILVA, Carlos Tavares da, SOARES, Joaquina, DUARTE, Susana, GODINHO, Ricardo (2014) - Preexistências de Setúbal: 2ª campanha de escavações arqueológicas na Rua Francisco Augusto Flamengo, N.ºs 10-12. Da

- Idade do Ferro ao Período Medieval. In *Musa, Museus, Arqueologia e Outros Patrimónios*. Vol. 4, p. 161-214.
- SILVA, Carlos Tavares da; COELHO-SOARES, Antónia (1977-78) – *Casas e ruas na história de Setúbal. Exposição do Museu de Arqueologia e Etnografia*. Setúbal: Junta distrital de Setúbal.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1981) - A praça do Bocage (Setúbal) na época romana. Escavações arqueológicas de 1980. IN: *Setúbal Arqueológica*. Setúbal. 6-7, p. 249-278.
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1982) – *As muralhas Medievais de Setúbal*. Setúbal: MAEDS
- SILVA, Carlos Tavares da; SOARES, Joaquina (1983) - *Património construído de Setúbal. Época dos Descobrimentos*. Setúbal: MAEDS.
- SOARES, Joaquina e SILVA, Carlos Tavares da (1986) - Ocupação préromana de Setúbal: escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. In *Actas do 1º Encontro Nacional de Arqueologia Urbana*, Setúbal, 1985. Lisboa: IPPC (Trabalhos de Arqueologia, 3), p. 87-101.
- SOARES, Joaquina, SILVA, Carlos Tavares da et alli (2019) – Preexistências de Setúbal: Intervenção Arqueológica na Rua Vasco Soveral, 8-12 In: *OPHIUSSA*, vol.3, p.155-183
- TOMÉ, M. (2015) – A Muralha Medieval versus Evolução Urbana em Setúbal. Portugal in *4ª Conferência do PNUM*, Brasília, 25 e 26 de Junho de 2015
- TOMÉ, M. (2019) - *Edifícios de uso corrente no núcleo antigo de Setúbal: A tipologia arquitectónica que persiste. Património Arquitectónico Civil De Setúbal e Azeitão*, 141–158.

OUTRAS PUBLICAÇÕES DA ERA ARQUEOLOGIA



Série ERA Arqueologia (2000 – 2008)



Publicação de workshops



Série ERA Monográfica (2013 – 2025)

Série Perdigões Monográfica (2018 – 2020)

